

Novo segundo grau divide opiniões

Reforma no ensino médio facilita a vida dos alunos que já escolheram uma carreira profissional. Os indecisos reclamam

Marina Oliveira
Da equipe do Correio

Amanda Barbosa tem 15 anos, três deles passados de cidade em cidade, nas mudanças para acompanhar a mãe — Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e por fim Brasília. Terminando o 1º grau no supletivo Ceteb, ela sabe exatamente o que quer da vida. “Vou fazer Medicina”, diz, com firmeza. “Depois que a gente fica nessa vida cigana aprende a ser decidida.”

Para ela, a proposta de reforma do 2º grau não poderia ter vindo em melhor hora. Quando voltar ao ensino regular no início do próximo ano — “provavelmente no Objetivo”, planeja — poderá usar a parte optativa do currículo (25% da carga horária do curso) para aprofundar seus conhecimentos em química e biologia, disciplinas importantíssimas para futuros médicos.

A colega, Fernanda Prado, 18 anos, que estuda para sua última prova no banco ao lado, tem outros motivos para gostar das mudanças. No início do ano, teve que sair do Inei, onde fazia o 1º ano, porque não conseguiu passar em química e foi reprovada. “Fiquei desestimulada. Levar bomba

por uma matéria”, lamenta. Como já tinha 18 anos e precisava ganhar tempo optou por fazer o supletivo.

Se esse episódio tivesse acontecido depois da reforma, Fernanda poderia permanecer no colégio e ganhar tempo. As novas regras permitem

que alunos com 18 anos completos possam participar de programas de aceleração de aprendizagem sem precisar mudar para um supletivo. Nesse caso, ela poderia fazer química de tarde e seguir cursando as outras matérias do 2º ano normalmente. “Adoraria ter tido essa oportunidade. Por melhor que seja, um supletivo não dá para fixar todo o conteúdo. É muito rápido”, afirma.

TÉDIO

Roberta de Oliveira, aluna do 1º ano do colégio Elefante Branco, conta que ficou entusiasmada com a notícia de mudança no 2º grau. “Pensei que não ia precisar mais fazer química e biologia”, diz. Depois de saber que as disciplinas principais — matemática, português, física, química, biologia, história, geografia e inglês — continuam obrigatórias, sua euforia arrefeceu um pouco. Apesar disso, acredita que o novo sistema será melhor. “Peló menos vamos ganhar o direito de escolher alguma coisa no 2º grau”, justifica, irônica.

A aluna revela que não gosta muito de estudar. “Vou para escola porque é o jeito. Hoje a gente não pode nem ser garçõete em sorveteria sem o diploma de 2º grau”, conforma-se. Roberta lembra que quando fazia o 1º grau tinha mais prazer em aprender. O motivo, segundo ela, é que os professores davam aulas mais variadas e não havia tanto conteúdo “inútil”.

Roberta não está sozinha. Inde-

pendente de quanto pagam pelo ensino que recebem, nenhum dos alunos ouvidos, em cinco escolas diferentes do Plano Piloto (Setor Leste, Elefante Branco, Objetivo, Leonardo da Vinci e Ceteb), disseram ter prazer em estudar.

Debaixo de uma sombra, poucos metros adiante de Roberta, está uma rodinha de alunos do 3º ano. Compensados, memorizam as fórmulas do livro de química. A princípio, Jason Santana, Viviane da Mata, Leila Mesquita e Ana Carolina Alves mostram-se reticentes sobre as mudanças no 2º grau. Mas quando começam a falar se empolgam e aí vem a torrente de reclamações.

“O mais revoltante da escola é ter que aprender coisas sem a mínima utilidade prática. Tudo para passar no vestibular”, desabafa Leila. Jason emenda dizendo que desde o 1º ano não faz laboratório. “Toda aula é igual: o professor fala e depois manda fazer exercício do livro”, critica. “Um tédio”, falam quase em coro e depois caem na risada.

BICHO-PAPÃO

Terror dos alunos e preocupação constante dos pais, o vestibular é a principal causa de insegurança dos

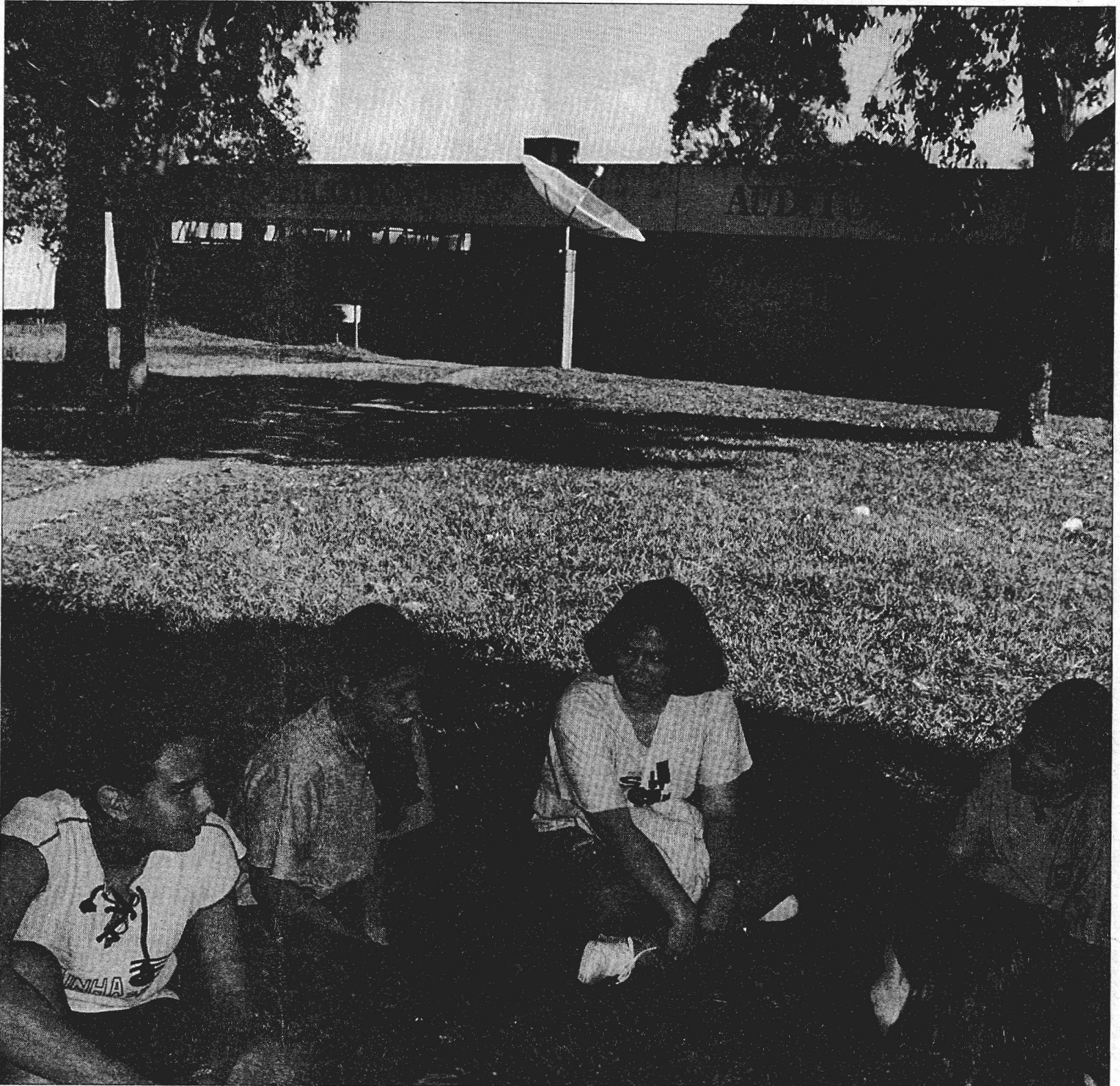
estudantes em relação à reforma. Enquanto decidem que projeto apresentarão na feira de ciências do Setor Leste, na próxima semana, alguns alunos do 2º ano debatem como as mudanças afetarão a preparação dos estudantes para o vestibular.

Camilla Peregrino, 15 anos, fala logo que é contra. Ela não tem a menor idéia do curso que pretende fazer na universidade, não sabe sequer se prefere as matérias da área de humanas (como História) ou de exatas (como Matemática). “Como é que eu vou escolher alguma disciplina sem ter decidido meu futuro?”, pergunta. A amiga, Maralisa Oliveira, intervém categórica: “Aos 15 anos ninguém tem maturidade para saber o que quer da vida”. Um detalhe interessante: Maralisa é a única do grupo que tem certeza do que fará depois do 2º grau. “Quero ser jornalista”, adianta.

Os pais também mostram-se temerosos com as novidades. Ernani Henning, tem duas filhas — Camila, que termina o 2º grau em dezembro, e Isabela, que começa no próximo ano. “Não sou contra a mudança. Mas se o vestibular continuar avaliando as mesmas coisas não dá para mexer na formação anterior”, argumenta.

Maurício Oliani, 19 anos, terminando o 2º grau no supletivo Ceteb resume bem o sentimento dos alunos em relação ao novo formato proposto pelo MEC. Ele repetiu o 1º ano e resolveu sair do colégio. Quando começou a estudar pensava em ser engenheiro civil, depois quis Comunicação e agora pensa em fazer Direito. “Quem tem cabeça feita e sabe o que quer vai se dar bem. Mas para quem muda toda hora, quer uma coisa e depois outra, será mais difícil”, acredita.

Adauto Cruz



Conversa entre estudantes em um colégio de Brasília: falta de interesse com os estudos e impaciência diante de matérias que não têm utilidade